

ESPÍRITOS PROTETORES

Jehul, elevada entidade de uma das mais belas regiões da vida espiritual, foi chamado pelo caricioso apêlo de um nobre mensageiro da Verdade e do Bem, que lhe falou nestes termos:

— Uma das almas a que te vens devotando particularmente, de ha muitos seculos, vai agora ressurgir nas tarefas da reencarnação sôbre a Terra. Seus destinos foram agravados de muito em virtude das quedas a que se condenou pela ausencia de qualquer vigilancia, mas o Senhor da Vida concedeu-lhe nova oportunidade de resgate e elevação.

Jehul sorriu e exclamou, denunciando sublimes esperanças:

— E' Láio?

— Sim — replicou o generoso mentor — ele mesmo, que noutras eras te foi tão amado na Etrúria. Atendendo as tuas rogativas, permite Jesus que lhe sejas o guardião desvelado, através de seus futuros caminhos. Ouve, Jehul! — serás seu companheiro constante e invisível, poderás inspirar-lhe pensamentos retificadores, cooperar em suas realizações proveitosas, auxiliando-o em nome de Deus; mas, não esqueças que tua tarefa é de guardar e proteger, nunca de arrebatá-lo o coração do teu tutelado das experiencias proprias, dentro do livre arbitrio espiritual, afim de que construa suas estradas para o Altíssimo com as suas proprias mãos.

Jehul agradeceu a dádiva derramando lagrimas de reconhecimento.

Com que enlêvo pensou nas possibilidades de chegar ao seio aquele sêr amado que, havia tanto tempo, se lhe perdera do caminho!... Láio lhe fôra filho idolatrado na paisagem longinqua. E' certo que não lhe compreendera a afeição, na recuada experiencia. Desviara-se das sendas retas, quando ele mais esperava de sua mocidade e inteligencia; seu coração carinhoso, porém, preferira ver no fato um incidente que o tempo se encarregaria de eliminar. Agora, toma-lo-ia de novo nos braços fortes e o reconduziria á Casa de Deus. Suportaria, corajosamente, por ele, a pesada atmosfera dos fluidos materiais. Toleraria, de bom grado, os contrastes da Terra. Todos os sofrimentos eventuais seriam poucos, pois acabava de alcançar a oportunidade de erguer, dentre as dores humanas, um irmão muito amado, que fôra seu filho inesquecível.

O generoso amigo espiritual atravessou as paisagens maravilhosas que o esperavam no ambiente terrestre. Ficaram para trás de seus passos os jardins suspensos, repletos de flores e de luz. As melodias das regiões venturosas distanciavam-se-lhe dos ouvidos.

Esperançoso, desassombrado, o solícito emissario penetrou a atmosfera terrestre e achou-se diante de um leito confortavel, onde se identificava um recém-nascido pelo seu brando choramingar. Os espiritos amigos, encarregados de velar pela transição daquele nascimento entregaram-lhe o pequenino, que Jehul beijou, tomado de profunda emoção, apertando-o de encontro ao peito afetuoso.

E era de observar-se, daí em diante, o devotamento com que o guardião se empenhou na tarefa de amparar a débil criança. Sustentou, de instante a instante, o espírito maternal, solucionando de maneira indireta, dificeis problemas organicos, para que não faltassem os recursos da paz aos primeiros tempos do inocentinho humano. E Jehul ensinou-lhe a soletrar as primeiras palavras, reajustando-lhe as possibilidades de usar novamente a linguagem terrestre. Velou-lhe os sonos, colocou-o a salvo das vibrações perniciosas do invisível, guiou-lhe os primeiros movimentos dos pés. O generoso

protetor nada esqueceu, e foi com lágrimas de emoção que inspirou ao coração materno as necessidades da prece para a idolatrada criancinha. Depois das mãos postas para pronunciar o nome de Deus, o amigo desvelado acompanhou-o à escola, afim de restituir-lhe, sob as bênçãos do Cristo, a luz do raciocínio.

Jehul não cabia em si de contentamento e esperança, quando Láio se abeirou da mocidade.

Então, a perspectiva dos sentimentos transformou-se.

De alma aflita, observou que o tutelado regressava aos mesmos erros de outros tempos, na recapitulação das experiências necessárias. Subtraía-se, agora, à vigilância afetuosa dos pais, inventava pretextos desconcertantes e, por mais que ouvisse as advertências preciosas e doces do mentor espiritual, no santuário da consciência, entregava-se, vencido, aos conselheiros de rua, caindo miseravelmente nas estações do vício.

Se Jehul lhe apontava o trabalho como recurso de elevação, Láio queria facilidades criminosas; se alviava providências da virtude, o fraco rapaz desejava dinheiro com que se desvencilhasse dos esforços indispensáveis e justos. Entre sacrifícios e dores ásperas, o prestimoso guardião viu-o gastar, em prazeres condenáveis, todas as economias do suor paternal, assistindo aos derradeiros instantes de sua mãe que partia da Terra, ferida pela ingratidão filial. Láio relegara todos os deveres santos ao abandono, entregando-se à ociosidade destruidora. Não obstante os cuidados do mentor carinhoso, procurou o alcool, o jôgo e a sífilis, que lhe sitiaram a existência consagrada por êle ao desperdício. O dedicado amigo, entretanto, não desanimava.

Após o exgotamento dos recursos paternos, Jehul cooperou junto de companheiros prestigiosos, para que o tutelado alcançasse trabalho.

Embora contrafeito e subtraído-se, quanto possível, ao cumprimento das obrigações, Láio tornou-se o auxiliar de uma empresa honesta, que, às ocultas, era objeto de suas críticas escarnecedoras. Quem se ha-

bitua á ociosidade criminosa costuma caluniar os bens do espírito de serviço.

De nada valiam os conselhos do guardião, que lhe falava, solícito, nos mais profundos recessos do ser.

Daí a pouco tempo, menos por amor que por necessidade, Láio buscou uma companheira. Casou-se. Mas, no desregramento a que se entregava de muito tempo, não encontrou no matrimônio senão sensações efêmeras que terminavam em poucas semanas, como a potencialidade de um fósforo que se apaga em alguns segundos. Jehul, no entanto, alimentou a esperança de que talvez a união conjugal lhe proporcionasse oportunidade para ser convenientemente ouvido. Isso, todavia, não aconteceu. O tutelado não sabia tratar a esposa senão entre desconfianças e atitudes violentas. Sua casa era uma secção do mundo inferior a que havia confiado seus ideais. Recebendo três filhinhos para o jardim do lar, muito cedo lhes inoculava no coração as sementes do vício, segregando-os num egoísmo cruel.

Quando viu o infeliz envenenando outras almas que chegavam pela bondade infinita de Deus para a santa oportunidade de serviços novos, Jehul sentiu-se desolado e, reconhecendo que não poderia prosseguir sozinho naquela tarefa, solicitou o socorro dos Anjos das Necessidades. Esses mensageiros de educação espiritual lhe atenderam atenciosamente aos rogos, começando por alijar o tutelado do emprêgo em que obtinha o pão cotidiano. Entretanto, em lugar de melhorar-se com a experiência, buscando meditar como convinha, Láio internou-se por uma rede de mentiras, fazendo-se de vítima para recorrer às leis humanas e ferir as mãos de antigos benfeitores. Acusou pessoas inocentes, exigiu indenizações descabidas, tornou-se odioso aos amigos de outros tempos.

Jehul foi então mais longe, pedindo providências aos Anjos que se incumbem do Serviço das Moléstias Uteis, os quais o auxiliaram de pronto, conduzindo Láio ao aposento da enfermidade reparadora, afim de que o mísero pudesse refletir na indigência da condição humana e na generosa paternidade do Altíssimo; aquele

homem rebelde, contudo, pareceu piorar cem por cento. Tornou-se irascível e insolente, abominava o nome de Deus, sujava a boca com inumeras blasfemias. Foram necessarios verdadeiros prodigios de paciencia para que Jehul lhe lavasse do cérebro esfogueado e caprichoso os propositos de suicidio. Foi aí que, desalentado quanto aos recursos postos em prática, o bondoso guardião implorou os bons officios dos Anjos que se encarregam dos Trabalhos da Velhice Prematura. Os novos emissarios rodearam Láio com atenção, amoleceram-lhe as células organicas, subtraíram-lhe do rosto a expressão de firmeza e resistencia, alvejaram-lhe os cabelos e enrugaram-lhe o semblante. No entanto, o infeliz não cedeu. Preferia ser criança ridícula nas apparencias de um velho, a entrar em acôrdo com o programa da sabedoria divina, a favor de si mesmo.

Enquanto blasfemava, seu amigo orava e desdobrava esforços incessantes; enquanto praticava loucuras, o guardião duplicava sacrificios e esperanças.

O tempo passava célere, mas, um dia, o Anjo da Morte veio espontaneamente ao grande duelo e falou com doçura:

— Jehul, chegou a ocasião da tua retirada!...

O generoso mentor abafou as lagrimas de angustiosa surpresa. Fixou o mensageiro com olhos doridos e súplices; o outro, no entanto, continuou:

— Não intercedas por mais tempo! Láio agora me pertence. Conduzi-lo-ei aos meus dominios, mas podes rogar a Deus que o teu tutelado recomece, mais tarde, outra vez...

Terminara a grande partida. A morte decidira no feito, pelos seus poderes transformadores, enquanto o guardião recolhia, entre lagrimas, o tesouro de suas esperanças imortais.

E, grafando esta história, lembro-me que quase todos os espíritos incarnados têm algum traço de Láio, ao passo que todos os espíritos protetores têm consigo os desvelos e os sacrificios de Jehul.

O NATAL DIFERENTE

Muito raro observar-se temperamento tão apaixonado, quanto o de Emiliano Jardim. No fundo, criatura generosa e sincera, mas as noções materialistas estragavam-lhe os pensamentos. Debalde cooperavam os amigos em renovar-lhe as idéias. O rapaz reportava-se a umas tantas teorias de negação, e a molestia espiritual prosseguia do mesmo jeito. O casamento, realizado entre pompas familiares, em nada melhorara a situação; quando, porém, Emiliano experimentou a primeira dôr da paternidade, ao ver o filho arrebatado pela morte, esse golpe profundo lhe abalou o espirito personalista.

Justamente por essa época, generoso padre meteu-lhe nas mãos um livro de consolação religiosa, á guisa de socorro.

Em semelhante fase do caminho, o contacto com os ensinamentos de Jesus lhe encheu a alma de serena doçura. Estava deslumbrado. Como não compreendera antes a beleza da fé? Fez-se catolico, sob aplausos gerais. Os afeiçoados se entreolhavam satisfeitos.

Emiliano, contudo, embora seduzido pelas verdades luminosas do Mestre, trazia a sua lição através da vida, como lhe acontecera ao tempo dos antigos postulados negativistas. Acreditando servir ao ideal divino do Evangelho, terçava armas cruéis contra todos os que entendiam Jesus por prismas diferentes. Acusava os protestantes, malsinava os espiritistas.

Os anos, porém, correram na sabedoria silenciosa do tempo.